

ANTONIA JUHASZ



Ediouro

A TIRANIA DO PETRÓLEO

A MAIS PODEROSA INDÚSTRIA DO MUNDO
E O QUE PODE SER FEITO PARA DETÊ-LA

ANTONIA JUHASZ

A TIRANIA DO PETRÓLEO

A MAIS PODEROSA INDÚSTRIA DO MUNDO
E O QUE PODE SER FEITO PARA DETÊ-LA

Tradução
Carlos Szlak



Ediouro



Ediouro

© 2008 by Antonia Juhasz

Todos os direitos cedidos à Ediouro Publicações Ltda., 2009

Publicado sob acordo com a Harper Collins Publishers

Editora: Cristina Fernandes

Assistente editorial: Marcus Assunção

Coordenadora de produção: Adriane Gozzo

Assistente de produção: Juliana Campoi

Preparação de textos: Tuca Faria

Revisão: Mauro de Barros

Editora de arte: Ana Dobón

Projeto gráfico, diagramação e capa: A2

Imagem de capa: Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Juhasz, Antonia

A tirania do petróleo : a mais poderosa
indústria do mundo e o que pode ser feito para
detê-la / Antonia Juhasz ; tradução Carlos
Szlak. -- São Paulo : Ediouro, 2009.

Título original: The tyranny of oil.

Bibliografia.

ISBN 978-85-00-02477-1

1. Indústria petrolífera - Aspectos políticos -
Estados Unidos 2. Indústria petrolífera - Estados
Unidos I. Título.

09-00028

CDD-338.272820973

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Indústria petrolífera :

História 338.272820973

Todos os direitos reservados à Ediouro Publicações Ltda.

Rua Nova Jerusalém, 345

Bonsucesso - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 - Fax: (21)3882-8212/8313

www.ediouro.com.br

*À minha família, por seu apoio permanente:
Joseph, Suzanne, Alex, Jenny, Christina,
Linda, Paul, Branny, Emma, Eliza, Simone,
Gabriel e Lucky.*

*Aos militantes, pela esperança que difundem
e pela mudança que promovem.*

A ignorância do povo é o verdadeiro capital do monopólio
Henry Demarest Lloyd, *Wealth Against Commonwealth*, 1894

SUMÁRIO

Introdução	9
CAPÍTULO 1 A última trincheira das Big Oil	11
CAPÍTULO 2 O nascimento e a dissolução da Standard Oil	29
CAPÍTULO 3 As Big Oil se recuperam: da dissolução à quase reunificação da Standard Oil	65
CAPÍTULO 4 Guiando o preço do óleo cru	133
CAPÍTULO 5 Pagando o preço: consolidação, preços altos da gasolina e desacato	177
CAPÍTULO 6 Lobistas, advogados e eleições: como as Big Oil destroem a democracia	217
CAPÍTULO 7 Os grandes planos das Big Oil para o futuro, Parte I: destruição ambiental	281
CAPÍTULO 8 Os grandes planos das Big Oil para o futuro, Parte II: guerras por petróleo	327
CAPÍTULO 9 Enfrentando as Big Oil	377
Agradecimentos	406
Notas	408

INTRODUÇÃO

A ELEIÇÃO DE BARACK OBAMA marca uma nova era nos Estados Unidos e na política energética mundial. Os norte-americanos escolheram o candidato que prometeu acabar com a “tirania do petróleo”, que criticou os lucros da Exxon e recebeu da indústria petrolífera menos de um terço dos recursos de financiamento de campanha eleitoral oferecidos ao seu oponente. Foi uma rejeição inequívoca tanto ao governo Bush, indiscutivelmente o “mais petrolífero” da história dos Estados Unidos, quanto à chapa republicana, cujo mantra de campanha era “perfore, benzinho, perfore!”, em que a candidata a vice-presidente negava que a mudança climática é consequência da ação humana e o candidato a presidente prometia continuar a Guerra do Iraque por cem anos. Enquanto o mundo é sacudido por uma das piores catástrofes financeiras da história, ele se enche ao mesmo tempo de um otimismo sem precedentes em relação ao presidente Obama, cujo plano de recuperação econômica se compromete com a substituição dos combustíveis fósseis por fontes alternativas de energia.

Houve outra mudança histórica desde a publicação da primeira edição deste livro. Depois do preço do petróleo alcançar quase 150 dólares por barril, seu valor agora despencou para 35 dólares. A desregulamentação do mercado futuro de petróleo, em 2000, permitiu que os operadores (*traders*) do mercado futuro de energia, trabalhando para as gigantes da indústria petrolífera e para outros interesses, jogassem o preço do petróleo nas alturas. Eles podiam (e deviam)

ter previsto o resultado. Em 1981, o preço do barril de petróleo atingiu 100 dólares (ajustado pela inflação) pela primeira vez. O resultado foi uma grande recessão mundial, que atingiu os países em desenvolvimento com severidade. Na sequência, houve um declínio acentuado da demanda e o colapso do preço do petróleo. Em 2008, o petróleo não apenas atingiu de novo o preço de 100 dólares por barril, mas superou esse valor. Em seguida, outra vez, uma recessão global, um declínio pronunciado da demanda e o colapso do preço. A recessão e o colapso do preço atuais, porém, são muito mais graves que em 1981. Embora a recessão começasse com o aumento do preço do petróleo, explodiu com a crise das hipotecas subprime. Os investidores venderam seus papéis do mercado futuro de energia para cobrir outras perdas, derrubando ainda mais os preços. Essas liquidações não regulamentadas de papéis foram tão imprevisíveis, não rastreáveis e volumosas quanto as compras originais.

A queda dos preços fortaleceu de forma desarmônica o poder das maiores empresas de petróleo de capital aberto; o *Wall Street Journal* proclamou 2009 como o “ano da Exxon”. Nesse momento, as gigantes da indústria petrolífera planejam utilizar seu excesso de caixa para adquirir empresas mais fracas, consolidando ainda mais seu poder político e econômico.

Prevejo que o preço do petróleo mais do que se recuperará se os elementos subjacentes que levaram ao seu aumento não se modificarem: 1) a desregulamentação do mercado futuro do óleo bruto; 2) o poder político e econômico sem precedentes das empresas petrolíferas; e 3) a grande dependência mundial em relação ao petróleo, um recurso que, supostamente, atingirá seu pico global de produção em 2020.

O presidente Obama enfrenta um cenário único de oportunidades e desafios. Este livro proporciona um roteiro detalhado em relação tanto às políticas a serem revogadas quanto às políticas a serem implantadas de uma nova maneira, criando a mudança em política energética exigida atualmente pelo mundo.

Antonia Juhasz
Fevereiro de 2009.

CAPÍTULO 1

A ÚLTIMA TRINCHEIRA DAS BIG OIL

OS PRIMEIROS DIAS DE 2008 COMEÇARAM com três acontecimentos marcantes. O preço do petróleo alcançou 100 dólares por barril pela segunda vez na história enquanto os preços da gasolina começaram uma ascensão para os maiores valores em uma geração. Além disso, em 3 de janeiro, o senador Barack Obama tornou-se o primeiro negro a vencer as eleições primárias de Iowa. O comparecimento dos eleitores também quebrou recordes, com quatro vezes mais votantes democratas registrados do que na eleição primária de 2000. O senador Obama foi contido, mas decidido, quando pronunciou seu histórico discurso de vitória. Ele optou por destacar somente poucas questões políticas em seu pronunciamento de 15 minutos, concentrando-se mais na questão do petróleo. Obama declarou enfaticamente que livraria os Estados Unidos de uma vez por todas da “tirania do petróleo” e, em seguida, comprometeu-se a ser o presidente “que acabará com a guerra do Iraque e trará finalmente as nossas tropas para casa”. Uma multidão, já àquela altura rouca, recebeu essas declarações com aplausos ensurdecadores e exclamações de entusiasmo.

“A tirania do petróleo” aprisiona os sentimentos não somente dos norte-americanos, mas também dos povos de todo o mundo. Sem opções viáveis e acessíveis, economias inteiras sofrem quando proporções cada vez maiores dos orçamentos nacionais precisam ser utilizadas para a aquisição de petróleo. Além disso, em nível individual, as famílias, enfrentando a mesma falta

de opções, privam-se de atender às necessidades básicas quando os preços da gasolina disparam. As comunidades que vivem em países ricos em petróleo – desde o Equador até a Nigéria, passando pelo Iraque – sofrem a tirania das violações diárias dos direitos humanos, da violência e da guerra. A tirania da poluição ambiental, dos riscos à saúde pública e da destruição do clima é criada em cada etapa da utilização do petróleo: da exploração até a produção, do transporte até o refino, do consumo até o descarte. Ademais, a tirania política exercida pelas maiores empresas da indústria do petróleo corrompe a democracia e destrói a capacidade de escolha de o quanto sacrificaremos em nome do petróleo.

As principais empresas da indústria do petróleo, aquelas conhecidas como as Big Oil, exercem sua influência em toda a cadeia de acontecimentos: os preços do petróleo e da gasolina, que sobem sempre e rapidamente; a falta de opções viáveis; a erosão da democracia; a destruição ambiental e o aquecimento global; e a violência e a guerra. O povo norte-americano está farto das Big Oil. Em 2006, o instituto Gallup divulgou seu relatório anual sobre a percepção da opinião pública a respeito das empresas norte-americanas. A indústria do petróleo sempre ocupa uma má posição, mas, naquele ano, acabou em um desonroso último lugar, recebendo a avaliação mais baixa em toda a história da pesquisa.¹

Por um tempo, raras foram as ocasiões em que se via um candidato às eleições presidenciais de 2008 falar abertamente contra os tiranos por trás da tirania do petróleo. As primeiras denúncias vieram do senador democrata John Edwards, que chegou em segundo lugar nas primárias de Iowa, apenas 8 pontos percentuais atrás de Obama. Edwards sustentou repetidas vezes a necessidade de “enfrentar as Big Oil”, e censurou a entrega das “chaves dos gabinetes governamentais para os lobistas das Big Oil”.² Essas declarações logo renderam a Edwards o título de “candidato populista”, assim como essa afirmação, enunciada em 28 de janeiro de 2008, quando ele disse que existem “dois Estados Unidos: um para os lobistas, para os interesses especiais, para os poderosos, para as grandes corporações multinacionais; e outro, para os demais. Eu estou aqui para dizer que os Estados Unidos deles chegou ao fim!”³ Edwards adotou seu roteiro do congressista William Jennings Bryan, que representou os Partidos Populista e Democrata nas eleições presidenciais

de 1896, e que declarou: “De um lado, estão os aliados dos monopólios, do poder econômico, dos grandes trustes [...] que buscam a aprovação das leis para o benefício deles e para o empobrecimento do povo. Do outro lado, estão os agricultores, os operários, os comerciantes e todos os outros que produzem riqueza e suportam o ônus dos impostos”⁴

À medida que o processo eleitoral de 2008 avançava, tanto Obama como a senadora Hillary Clinton, sua principal rival democrata, passaram a atacar cada vez mais as Big Oil. Os dois, no fim, foram chamados de “candidatos populistas”; suas palavras fazendo soar um alarme semelhante a outro, mais de cem anos atrás, dado pelo movimento populista contra os trustes empresariais, em geral, e contra a Standard Oil, em particular; a empresa da qual muitas das grandes petrolíferas de hoje em dia descendem.

John D. Rockefeller fundou a Standard Oil Company em 1870. Na década de 1880, a Standard Oil controlava 90% de todo o refino nos Estados Unidos, 80% do mercado de produtos à base de petróleo, 25% da produção total de petróleo bruto e, nessa era pré-automóvel, produzia mais de 25% da oferta total mundial de querosene.⁵ A Standard Oil era famosa tanto pela crueldade como pela ilegalidade dos seus métodos empresariais. Diversos processos judiciais foram movidos contra a empresa, e a Standard Oil foi dissolvida em decorrência de três mandados judiciais distintos, em nível estadual. Sua resposta foi a mudança das regras, tornando a ação federal imperativa. Além dos produtores, refinadores e outros fornecedores de petróleo que a Standard Oil comprou hostilmente, ofereceu suborno, intimidou ou reduziu a cinzas, muitas pessoas de todo o país estavam enfurecidas com seu controle sobre o governo.

A Standard Oil não estava sozinha. Ela aperfeiçoara a utilização do truste empresarial, e centenas de outros trustes logo surgiram. Um *truste* é uma combinação de empresas, em que um conselho de administração conserva as ações de cada empresa e gerencia o negócio de todas. Enquanto a companhia funciona como um único conglomerado gigantesco, as empresas individuais mantêm o status legal – e em muitos casos, incluindo a Standard Oil, a ficção legal – de independência. Na época, a palavra *truste* rapidamente se transformou em sinônimo de qualquer grande empresa.

Uma charge de um jornal da época ilustra o Senado norte-americano. Elevando-se sobre os senadores sentados, com o triplo do tamanho deles,

estão homens obesos representando os trustes, usando cartolas e fraques. A Standard Oil, a mais dominante, é a única companhia representada pelo nome entre os trustes do “cobre”, do “ferro”, do “açúcar”, do “estanho”, do “carvão” e dos “sacos de papel”. Sobre os homens obesos, pende uma placa: “Esse é o Senado dos monopólios, pelos monopólios e para os monopólios!”. A distância, no canto extremo esquerdo, há uma plaqueta: “Entrada do Público”, abaixo da qual fica uma porta trancada sinalizada com a palavra “fechada”.

Uma onda de ações coletivas emergiu em resposta ao poder dos trustes. Cidadãos de todo o país se reuniram no que foi desde então chamado de movimentos populista e progressista para a promoção de mudanças. Alguns grupos buscavam a revolução, mas o que o esforço coletivo alcançou foram reformas essenciais, incluindo novas leis de financiamento para campanha eleitoral, direitos e proteções trabalhistas, saúde pública e as primeiras leis nacionais antitruste. O objetivo das leis antitruste era pôr fim ao poder dos trustes sobre o governo. Em 1911, o governo federal utilizou a Lei Antitruste Sherman para dividir a Standard Oil em 34 empresas distintas. A Standard Oil não recuperaria seu domínio e concentração únicos, nem o controle político que detinha no auge do seu poder, no final do século XIX.

Em geral, no entanto, a decisão de 1911 fracassou ao longo da década seguinte, em decorrência da ausência de controle governamental eficiente. Para enfrentar essas falhas, novas leis antitruste e, de modo mais importante, uma nova agência governamental – a Federal Trade Commission (FTC) – foram criadas para melhorar o controle governamental sobre as violações antitruste pelas empresas norte-americanas. A FTC continua sendo a agência governamental mais importante encarregada de regulamentar a consolidação e colusão empresarial. Não obstante, enquanto as leis antitruste do país eram aplicadas de modo relativamente satisfatório em relação às operações domésticas associadas ao petróleo, as maiores petrolíferas atuavam na arena internacional como um cartel. Da Primeira Guerra Mundial até 1970, aproximadamente, as três maiores companhias pós-dissolução – a Standard Oil of New Jersey (Exxon), a Standard Oil of New York (Mobil) e a Standard Oil of California (Chevron) – se uniram com a Gulf, a Texaco, a BP e a Shell para constituir um cartel, que ficou conhecido como as Sete

Irmãs. Essas sete empresas detinham a maior parte do petróleo mundial e controlavam o destino econômico de países inteiros.

Ao longo das décadas, muitas estratégias para controlar o poder das Sete Irmãs foram propostas, debatidas e até experimentadas nos Estados Unidos. Entre elas, incluíam-se a redução da quantidade de petróleo que as empresas podiam trazer para os Estados Unidos, as refinarias de propriedade estatal, uma empresa de petróleo nacional e inúmeros processos antitruste contra as companhias de petróleo. Algumas dessas iniciativas foram bem-sucedidas, mas a maioria não. Foram os países ricos em petróleo, criando seu próprio cartel, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), que, finalmente, reduziram o poder do cartel empresarial. Em meados da década de 1980, os governos da Opep tinham recuperado a propriedade completa do seu petróleo. As Sete Irmãs, que em 1973 obtiveram dois terços dos seus lucros no exterior, voltaram sua atenção para o mercado norte-americano, que tinham abandonado, deixando-o nas mãos das pequenas empresas de petróleo “independentes”. O novo mantra das Big Oil passou a ser “fusão ou morte”, com as companhias comprando inicialmente as empresas independentes e depois umas as outras.

O governo Reagan realizou seu primeiro ataque frontal visando o desmantelamento das políticas antitruste dos Estados Unidos. A FTC, no governo Reagan, introduziu uma atitude nova e radicalmente permissiva em relação às fusões empresariais, que foram levadas adiante ao longo de cada governo subsequente. Como exposto quase prosaicamente por Jonathan Baker, um procurador antitruste do governo Clinton, as “preocupações mais antigas relativas à proteção das pequenas empresas e ao impedimento de concentrações de poder político foram descartadas”.⁶ Desde 1991, as agências reguladoras, sob a influência direta e contundente das maiores empresas de petróleo do país e dos seus advogados, permitiram mais de 2,6 mil fusões na indústria do petróleo norte-americana. As fusões resultaram na quase liquidação das companhias petrolíferas, refinarias e postos de gasolina independentes dos Estados Unidos.

As fusões das grandes petrolíferas começaram em 1999 e continuam sendo as maiores fusões da história empresarial. A Exxon se fundiu com a Mobil, a Chevron com a Texaco, a Conoco com a Phillips, e a BP com a Amoco,

e, em seguida, com a Arco, criando as maiores companhias jamais vistas no mundo. A Shell também participou da onda de fusões, adquirindo diversas companhias petrolíferas baby-Standard.

As fusões ajudaram as Big Oil a recuperar sua posição de principais proprietárias das reservas de petróleo. Embora nem sequer próximas dos “anos de glória” das Sete Irmãs, as reservas de petróleo das Big Oil impressionam. Se as cinco maiores petrolíferas em funcionamento nos Estados Unidos fossem um país, suas reservas em conjunto de óleo cru estariam hoje entre as dez maiores em relação aos países mais ricos em petróleo do mundo. Atualmente, a ExxonMobil, a Chevron, a ConocoPhillips, a Shell e a BP exercem seu controle sobre o preço do petróleo através das suas reservas individuais e mediante a participação no mercado futuro de óleo cru. O mercado futuro substituiu a Opep como principal definidora do preço do óleo cru. Em geral, é um mercado sem regulação e tende a um excesso de especulação e manipulação.

As fusões também permitiram que as companhias de petróleo assumissem o controle do refino e da venda de gasolina nos Estados Unidos, ao estilo da Standard Oil. As empresas estabeleceram uma consolidação em massa desses setores, gerando aumentos rápidos do preço da gasolina e dos lucros. “As Big Oil criaram um mercado à margem, manipulando estoques e capacidade de refino a um ponto tal que a mais leve interrupção da oferta eleva os preços – e os lucros da empresa – rapidamente”, revelou Richard Blumenthal, procurador-geral de Connecticut, a uma comissão do Congresso, em meados de 2007. “Existe oferta suficiente, mas essas empresas gigantesas recém-criadas utilizam seu imenso poder de mercado para manter um controle rigoroso sobre o fluxo.”⁷

Com base em preços elevados do petróleo e da gasolina, a indústria petrolífera é sem sombra de dúvida a indústria mais lucrativa do mundo. Seis entre as dez maiores empresas existentes são de petróleo. São elas, pela ordem, a ExxonMobil, a Royal Dutch Shell (Shell), a BP, a Chevron, a ConocoPhillips e a Total.* De acordo com a lista da revista *Fortune*, das 500 maiores companhias, as dez maiores petrolíferas do mundo obtiveram um lucro superior a

* As outras empresas são: Wal-Mart, General Motors, Toyota Motor e Daimler-Chrysler.

167 bilhões de dólares somente em 2006;* quase 50 bilhões de dólares a mais do que as dez maiores empresas do segundo setor mais rentável: bancos comerciais e de poupança.

As maiores empresas petrolíferas de capital aberto em operação nos Estados Unidos – e as com a maior influência sobre a formulação de políticas nesse país – são a ExxonMobil, a Shell, a BP, a Chevron, a ConocoPhillips, a Valero (a 43ª maior empresa do mundo) e a Marathon (a 92ª maior empresa do mundo). Todas são ou descendentes diretas ou descendentes diretas adquiridas da Standard Oil. Elas estão entre as companhias mais poderosas do planeta. Essas empresas são as Big Oil.

As Big Oil estão tendo um nível de poder equivalente a um único precedente histórico: o da época da Standard Oil. E como a Standard Oil, as companhias parecem dispostas a fazer de tudo para manter suas posições. Com mais de 40 bilhões de dólares de lucro líquido, em 2007, a ExxonMobil é a empresa mais rentável tanto do mundo como da história do mundo. Seu lucro é maior do que os PIBs de 93 países. Em 2003, a ExxonMobil teve o ano mais lucrativo já alcançado por uma companhia, e depois conseguiu bater seu próprio recorde anualmente, nos cinco anos seguintes.

Em 2007, o Wal-Mart superou a ExxonMobil como maior empresa do mundo, alcançando vendas um pouco superiores: 379 bilhões de dólares em comparação aos 373 bilhões da ExxonMobil. Os 12,7 bilhões de dólares de lucro do Wal-Mart, no entanto, representaram somente um terço do lucro da ExxonMobil. De fato, o lucro da ExxonMobil foi mais que o *dobro* das três empresas norte-americanas seguintes da lista *Fortune 500*, em *conjunto*: a Chevron, com 18,7 bilhões de dólares; a General Motors, que *perdeu* 38,7 bilhões de dólares; e a ConocoPhillips, com 11,9 bilhões de dólares. De modo semelhante, em 2006, o lucro da ExxonMobil foi quase o dobro que o das duas próximas empresas norte-americanas, em *conjunto*: United Airlines, com 23 bilhões de dólares, e Citigroup, com 21 bilhões de dólares.

Como descrito pela revista *Fortune*, em 2005, a ExxonMobil era “a mais poderosa empresa norte-americana, qualquer que fosse o critério de avaliação. Superou a General Electric, tornando-se a companhia norte-americana mais

* A data mais recente pela qual os dados comparativos internacionais estão disponíveis.

valiosa em termos de capitalização de mercado (375 bilhões de dólares). Ela bombeia por dia quase o dobro de petróleo e gás que o Kuwait, e suas reservas de energia se espalham pelos seis continentes, sendo maiores do que as de qualquer empresa não estatal do planeta”.⁸

A ExxonMobil não está sozinha. Todas as principais petrolíferas norte-americanas – ExxonMobil, Chevron, ConocoPhillips, Valero e Marathon – bateram seus próprios recordes de lucro quase todos os anos, nos últimos cinco anos. Em conjunto, elas obtiveram mais de 80 bilhões de dólares em lucros em 2007, o que fez delas a 67ª maior economia mundial. Simplesmente não há comparação com nenhum outro setor nos Estados Unidos. Por exemplo, a indústria bélica norte-americana, que também teve alguns dos seus anos mais lucrativos recentemente, não chega sequer perto. Em 2007, as cinco maiores empresas de petróleo dos Estados Unidos alcançaram lucros quase quatro vezes superiores que as 16 maiores empresas aeroespaciais e de defesa norte-americanas em conjunto: 80 bilhões de dólares contra cerca de 21 bilhões de dólares. As 18 empresas farmacêuticas mais lucrativas obtiveram lucros de 43 bilhões de dólares, aproximadamente. Em 2006, os bancos comerciais nacionais quase rivalizaram com as Big Oil em termos de lucros: os cinco maiores bancos obtiveram lucros de cerca de 73 bilhões de dólares. No entanto, em 2007, após a crise das hipotecas, os 25 bancos mais lucrativos obtiveram lucros de apenas 70 bilhões de dólares. Nenhum dos demais setores – incluindo automóveis, computadores, seguros, telecomunicações, tabaco, carvão e entretenimento – está agora, e durante anos não esteve, ganhando valor; seus lucros são insignificantes em comparação aos das Big Oil.

Publicamente, a indústria do petróleo afirma que, embora seus lucros pareçam grandes, suas *margens* de lucro não são. Em depoimento ao Congresso norte-americano, em abril de 2008, por exemplo, J. S. Simon, vice-presidente sênior da ExxonMobil, explicou: “Em 2007, a indústria de petróleo e gás ganhou, em média, cerca de 8,3 centavos de dólar para cada dólar em vendas; próximo da média industrial Dow Jones referente a grandes indústrias, de 7,8 centavos de dólar para cada dólar em vendas”.⁹ Simon mediu a renda líquida da empresa como parte das suas receitas totais. No relatório aos acionistas da ExxonMobil, no entanto, a empresa utiliza um critério muito diferente: o retorno sobre o capital empregado (Roce, na sigla em inglês) da empresa. Como

a ExxonMobil expõe em seu relatório anual de 2007: “A empresa aplicou de modo consistente sua definição de Roce durante muitos anos, considerando-a a melhor mensuração referente à produtividade histórica do capital em nossa indústria intensiva em capital e de longo prazo [...]”. Utilizando esse critério, a ExxonMobil é sem dúvida mais lucrativa que qualquer outra indústria norte-americana comparável. As operações globais da ExxonMobil apresentaram uma taxa de retorno de 31,8% sobre o capital médio empregado, quase 24 pontos percentuais a mais que o retorno médio de todas as empresas não financeiras norte-americanas em 2007 e 18 pontos percentuais a mais que o setor manufatureiro em 2006 (os dados mais recentes disponíveis).¹⁰ No que diz respeito à indústria do petróleo como um todo, a *U.S. News and World Report* solicita que os leitores observem o ativo patrimonial líquido disponível para investimento. Utilizando esse critério, a indústria do petróleo, com 27%, ficou quase 10 pontos percentuais acima dos outros setores manufatureiros, em 2007.¹¹

A Shell e a BP têm sede em Haia e Londres, respectivamente, mas as duas empresas possuem subsidiárias poderosas, influentes e de tamanho considerável nos Estados Unidos. Ambas são financiadoras importantes das campanhas eleitorais norte-americanas, influenciando e se beneficiando muito do sistema político dos Estados Unidos. Em 2007, a Shell e a BP, em conjunto com suas cinco irmãs norte-americanas, acumularam incríveis e sem precedentes 133 bilhões de dólares de lucro líquido, o equivalente à soma do PIB dos 42 países mais pobres do mundo, incluindo Fiji, Quirguistão, Butão e Serra Leoa.

O que compra uma indústria com 133 bilhões de dólares em lucros? A indústria do petróleo comprou ao menos oito anos de uma “oleogarquia” nos Estados Unidos: um governo controlado por um número reduzido de interesses associados ao petróleo. A indústria petrolífera investiu mais dinheiro para eleger George W. Bush, em 2000, do que em qualquer outra eleição antes ou depois. Em retorno, a indústria recebeu, pela primeira vez na história norte-americana, um presidente, um vice-presidente e uma secretária de Estado, que são todos ex-diretores de empresas de petróleo. De fato, em 2000, George W. Bush e Condoleezza Rice possuíam mais experiência dirigindo petrolí-

* Eu utilizo o lucro como medida de poder (versus vendas, valor da ação ou ativos, por exemplo), pois estou mais interessada em como a indústria emprega seu “excesso de dinheiro”.

feras do que tinham trabalhando para o governo. Todos os órgãos públicos e cada nível da burocracia foram preenchidos com antigos lobistas, advogados, assessores, membros de conselho e executivos da indústria do petróleo, ou com pessoal em via de trabalhar para a indústria do petróleo após um breve período de serviço para o governo. O setor do petróleo obteve aquilo pelo que pagou: um governo que, indiscutivelmente, foi além de qualquer outro na história norte-americana no atendimento aos interesses das Big Oil mediante desregulamentação, cumprimento frouxo da lei, acesso a terras e águas públicas do país, subsídios, benefícios fiscais e até guerra.

Os Estados Unidos tentaram mudar de rumo em 2006, trocando um Congresso republicano por uma Câmara dos Representantes e um Senado controlados pelos democratas. Os democratas se comprometeram em suas campanhas a adotar medidas contra a indústria do petróleo, a mudança climática e a guerra do Iraque; todas as três questões intimamente vinculadas na mente da opinião pública. Os democratas falharam em cumprir o prometido. Frequentemente, o dinheiro das Big Oil pareceu ser o motivo disso. Em um exemplo mais do que evidente, o Center for American Progress investigou a relação entre os votos e as contribuições para campanha eleitoral com relação ao projeto de lei HR 2776, a Lei Fiscal sobre Energia Renovável e Conservação de Energia, de 2007. O projeto de lei teria eliminado 16 bilhões de dólares de benefícios fiscais para a indústria do petróleo e gás, a fim de financiar energias alternativas limpas. Entre 1989 e 2006, os membros do Congresso que votaram contra o projeto de lei receberam da indústria do petróleo e gás, em média, uma importância quatro vezes maior em contribuições para campanha eleitoral (cerca de 100 mil dólares) do que aqueles que votaram a favor do projeto (cerca de 26 mil dólares). O projeto de lei, no fim, morreu.

De modo similar, a Oil Change International coletou os registros de votação referentes aos cinco projetos de lei mais importantes sobre a guerra do Iraque: o voto inicial de 2003, autorizando o uso da força no Iraque, e os subsequentes projetos de lei suplementares para custeio da guerra, de 2003, 2004, 2005 e 2006. De 1989 a 2006, os membros do Congresso que votaram a favor dos cinco projetos de lei receberam da indústria do petróleo e gás, em média, uma importância superior a oito vezes (cerca de 116 mil dólares) do que os que votaram contra a guerra (cerca de 14 mil dólares). E a guerra se alastra.